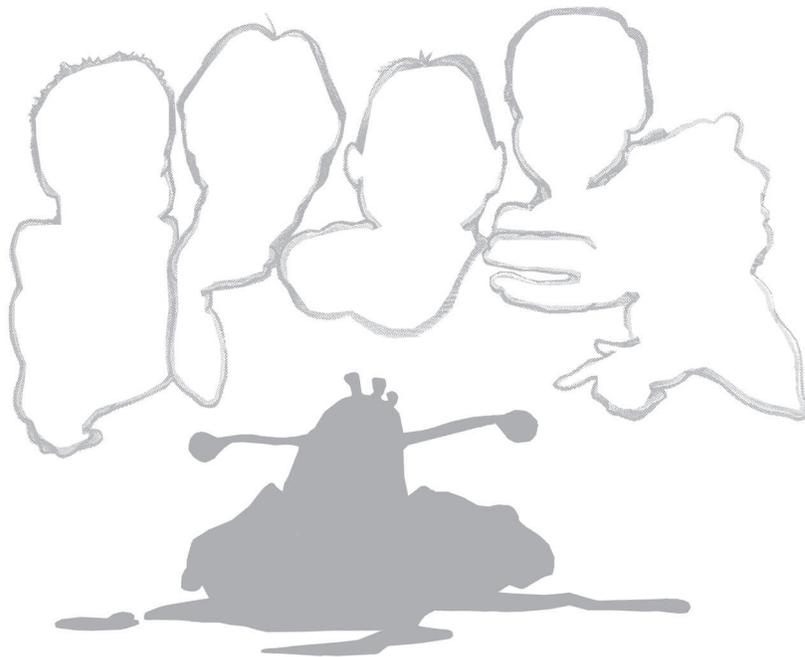


*Significados sociais da
homossexualidade
masculina na era Aids*



SIGNIFICADOS SOCIAIS DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NA ERA AIDS

RESUMO

Este artigo aborda as experiências dos homens ditos homossexuais na cidade de São Paulo, salientando a organização dos espaços de sociabilidade e o ativismo político, bem como questões ligadas à corporalidade e ao mercado. Partindo dessas questões, meu objetivo é refletir sobre os limites do termo *homossexualidade* enquanto categoria de classificação, geralmente acionada para explicar comportamentos e práticas culturais bastante diferenciadas no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE

Homem gay; Homossexualidade; AIDS; Identidade sexual

Ronaldo Trindade¹

SIGNIFICADOS SOCIAIS DA
HOMOSSEXUALIDADE
MASCULINA NA ERA AIDS

Something happened in the 1990s, something dramatic and irreversible. A group of people long considered a moral menace and an issue previously deemed unmentionable in public discourse were transformed into a matter of human rights, discussed in every institution of American Society.

(John D'Emilio.)

A constatação de John D'Emilio a respeito de uma série de mudanças envolvendo os homossexuais e a sociedade norte-americana na década de 1990, pode ser um ponto de partida interessante para pensar as transformações ocorridas com esse segmento em muito outros países. O Brasil, mais especificamente a cidade de São Paulo, se inserem nesse contexto de mudanças dos significados sociais da homossexualidade. Mas afinal de contas, o que mudou na vida dos homens que se envolvem sexualmente com outros homens nas duas últimas décadas?

Na metrópole paulista, trocas simbólicas, mediatizadas pela informação cada vez mais veloz, têm proporcionado um contexto historicamente novo para a homossexualidade, no qual os próprios significados sociais desse grupo se revestem de uma nova roupagem. Neste texto, sugiro que as duas últimas décadas do século XX evidenciaram novos significados para a homossexualidade masculina, observáveis tanto pelos novos tipos corporais quanto pela adoção de novas práticas sexuais. Nesse processo, alguns "tipos" homossexuais foram positivados e se tornaram temas cada vez mais presentes na mídia, nos meios

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.
<ronaldotrindade@gmail.com>

acadêmicos e mesmo nas esferas mais cotidianas da vida na cidade. Para entendê-las, é preciso voltar o olhar para os prováveis vetores dessa transformação, quais sejam, acredito, o surgimento e proliferação da AIDS, a expansão de um mercado específico e as formas de militância historicamente novas. Nesse novo contexto, em que se delinearam novas formas de sociabilidade e de ativismo, novas formas de identificação podem ser percebidas, o que pretendo mostrar ao longo do texto.

Inicialmente, é preciso atentar para as formas como a homossexualidade foi experimentada e pensada num momento anterior ao surgimento da AIDS, sem contudo nos distanciarmos muito de nosso recorte temporal. O final da década de 1970 parece ser um período propício para esse intento.

O INÍCIO DO ARCO-ÍRIS: PRÁTICAS HOMOSSEXUAIS ANTERIORES A ERA AIDS

A conturbada década de 1970, mais especificamente seus últimos anos, foi um momento de grande importância para a história da homossexualidade no Brasil. Em meio a outros segmentos sociais que reivindicavam cidadania e visibilidade e protestavam contra os desmandos dos militares que se sucediam no poder, alguns homens fundaram na cidade de São Paulo aquele que seria o primeiro grupo de ativismo homossexual do país, o Grupo Somos de Afirmação Homossexual e também o jornal *Lampião da Esquina*.² Tanto o grupo militante quanto o periódico em questão evidenciavam insatisfações em relação às maneiras como os homossexuais eram percebidos e tratados socialmente. Mas, para além disso, funcionavam também como uma espécie de espaços de conscientização, apontando a possibilidade de uma sociedade mais justa para aqueles que orientavam seus desejos de forma dissonante à então norma heterossexista em que se encontrava imersa a sociedade brasileira.

² TRINDADE, J. R. Atores/ autores: histórias de vida e produção acadêmica dos escritores da homossexualidade no Brasil. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 10, 2000.

O ativismo homossexual que ensaiava seus primeiros passos nesse período parecia buscar uma certa identidade entre as pessoas que se envolviam sexualmente com outras do mesmo sexo. Como já faziam os negros, mulheres e operários³, um sujeito político e social — o homossexual — estava sendo erigido, o que auxiliaria na luta contra a opressão às suas práticas sociais e sexuais.

Entretanto, as movimentações políticas não eram as únicas formas de resistência às normas sociais que sancionavam os envolvimentos homoeróticos. Com muita frequência, sucediam-se os abusos de poder revertidos em práticas de violência aos homossexuais em espaços públicos e não eram raras, nesses anos, as batidas policiais na região central da cidade, mais especificamente nos bares e boates localizados nas imediações da Praça da República e Largo do Arouche.⁴ A despeito disso, essas pessoas não abriram mão das ruas e continuaram a freqüentar tais espaços, juntando-se nessas ruas para encontrar amigos, amantes e dar visibilidade às suas experiências. Não havendo ainda tantos espaços privativos, a rua era um local privilegiado para as conquistas.

Bem, era muito gostoso, desse ponto de vista, não havia a vida... o gueto era pequeno, era muito pequeno, não havia essa quantidade de saunas, nem essa quantidade de bares, nem boates; quer dizer, havia uma ou duas boates, só havia algumas poucas saunas mas muito freqüentadas, não havia casas como a que a gente tem hoje ali em Pinheiros, a Station, que é uma casa de transa direta, mas havia uma vida sexual intensíssima nos cinemas, muito, muito, muito

³ Vale lembrar que, com a descolonização africana, uma série de movimentos acadêmicos eclodiram em muitos lugares do mundo nos quais os sujeitos, até então alvos das pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas, resolveram tomar para si a tarefa de falar sobre suas práticas culturais e experiências sociais. Isso se refletiu na organização de movimentos sociais em que mulheres, negros e homossexuais passaram a produzir trabalhos acadêmicos e organizar atividades militantes referentes às suas experiências, Cf. SILVA, V. G. da. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: EDUSP, 2001.

⁴ SPAGNOL, *Desejo marginal*. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

*intensa; sexo direto em qualquer horário e, sobretudo nas ruas. [...] São Paulo era uma paquera absolutamente desvairada, era uma coisa desvairada.*⁵

Juntamente com as vias públicas, os cinemas e as saunas aparecem nas lembranças de Trevisan como demais espaços privilegiados para os envolvimento sexuais entre homens. Contudo, uma diferença pode ser observada; não havia ainda uma especialização rígida desses espaços e as saunas e cinemas eram freqüentados não apenas por homens que assumiam-se como homossexuais.

*Os filmes eram sempre heteros e, por isso, tinha muito rapaz, muito velho querendo mesmo é gozar. As bichas estavam lá, só à espera. O cara se excitava e, de repente, já tinha alguém ali do lado pronto pra atender. Nas saunas era a mesma coisa, era local pra transar. Quem queria gozar ia lá que sempre se dava bem, tinha sempre uma oportunidade.*⁶

As pesquisas do antropólogo Peter Fry⁷ apontavam para a impossibilidade de se utilizar a palavra homossexual – uma categoria por vezes erudita ou exterior ao modo de vida de grande parte das pessoas – para classificar todos os tipos de envolvimento sexuais entre pessoas do mesmo sexo e, em diversas interlocuções com pessoas que viveram esses anos, uma coisa ficou clara: havia uma intensa ambigüidade pautando os envolvimento sexuais entre homens. Tanto os “entendidos”⁸ quanto os “bofes” (homens “verdadeiros”) compunham esse

⁵ TREVISAN, J. S. João Silvério Trevisan: depoimento [14 fev. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [escritor].

⁶ CARLOS EDUARDO. Carlos Eduardo: depoimento [22 set. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [professor da rede pública de São Paulo, 52 anos].

⁷ FRY, P. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil, In: *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

⁸ “Entendido” é um termo que foi bastante usado nesse período para identificar pessoas que estabeleciam relações sexuais e afetivas com outras do mesmo sexo. Esse termo, atualmente, não é mais tão acionado quanto naqueles anos, mas ainda é reivindicado por certas pessoas.

universo e envolviam-se em interações sexuais diversas, fossem elas hierárquicas ou igualitárias.⁹

Se no meio artístico comportamentos típicos da homossexualidade eram levados a público por cantores como Ney Matogrosso e Caetano Veloso – os trejeitos afeminados e o uso de maquiagens – as diversas formas de envolvimentos homoeróticos lançavam dúvidas sobre a existência de uma identidade homossexual, uma questão que chegava a dividir alguns intelectuais que, de certa forma, desenvolviam algum tipo de militância.¹⁰ Nos anos seguintes, novas transformações se insinuariam nas experiências homossexuais, tecendo um novo contexto.

NOVOS RUMOS DA HOMOSSEXUALIDADE: OS IMPACTOS DA AIDS

Em agosto de 1981, a Primeira Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras reuniu lideranças sindicais do país inteiro na tentativa de organizar o movimento sindical em âmbito nacional. Dois anos depois, era criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que, mesmo não tendo sido reconhecida oficialmente no início, representava um número considerável de trabalhadores. Essa organização política só foi possível pelo clima de abertura política que se disseminava no país. Dois anos antes fora assinada a Lei da Anistia, que suspendia as penalidades impostas a todos que se opunham às arbitrariedades do período de ditadura. Nesse mesmo ano chegou ao fim o bipartidarismo e, no início da década de 1980, vários grupos que reivindicavam direitos sociais e visibilidade tinham, mais do que nos últimos 20 anos, a possibilidade de se fazer ver e ouvir por um número maior de pessoas. Entre a multidão que reivindicava direitos sociais, estavam os grupos de militância homossexual, protestando contra a violência e o preconceito de que eram vítimas as pessoas que envolviam-se sexualmente com outras do mesmo sexo.¹¹

⁹ Essas classificações são utilizadas por Peter FRY.

¹⁰ TRINDADE, 2000

¹¹ MACRAE, E. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da "abertura"*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

O movimento Diretas Já levou um número muito grande de pessoas às ruas e as palavras de ordem falavam da necessidade de democracia, liberdade e justiça. O clima político e social era muito oportuno para os movimentos populares e o fortalecimento do Partido dos Trabalhadores foi um bom exemplo disso. Nascido das greves do ABC em 1979, esse partido foi crescendo e se constituindo em esperança de mudanças sociais profundas nas estruturas da sociedade.

A despeito desse clima de abertura social e política que trazia visibilidade para os movimentos de militância homossexual, uma tempestade emitia seus primeiros trovões. O aparecimento de uma doença nos Estados Unidos causou um verdadeiro terror na comunidade gay. Num contexto de dúvidas e de medo, iniciou-se para o mundo a era AIDS.

Se as lutas políticas dos homossexuais não conseguiram a visibilidade que desejavam — já que a imprensa nunca deu tanta atenção às reivindicações desse segmento — a AIDS conseguiu fazer com que o país falasse sobre os envolvimento sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Esse silêncio foi rompido de forma a constituir para o homossexual imagens que iam da vitimização à culpa: eram tanto as infelizes vítimas de um “câncer gay” quanto os transmissores em potencial, culpados pelo acometimento da doença. Isso podia ser sentido no cotidiano das pessoas:

Era difícil acreditar no que todo mundo falava, que fulano de tal tinha AIDS por que Deus quis assim. A gente conhecia o cara e sabia que ele não era tudo aquilo, pra merecer aquilo. Ainda tinha isso, além de morrer ainda diziam que o cara estava pagando por alguma coisa.¹²

Foi uma coisa assustadora, pra mim foi assustadora, porque as pessoas não entendiam direito o que seria aquilo e eu saquei desde o primeiro momento que aquilo ia ser uma coisa terrível. Eu fiquei com um medo tão grande que eu chorei, eu estava com o

¹² MARTINS, O. Osvaldo Martins: depoimento [9 out. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [funcionário público, nome fictício, 47 anos].

*Marcos, me deu uma angústia tão grande que eu chorei, fiquei assustado.*¹³

Os medos e as incertezas em relação à então pouco conhecida síndrome modificou o uso das ruas pelos homossexuais. Antes locais privilegiados para as conquistas, as vias públicas não apenas se tornaram palcos de violência para os homossexuais, então pensados como os transmissores de uma doença mortal, quanto de medo do acometimento dessa enfermidade:

*Uma vez, era final de tarde e eu sempre ia tomar umas cervejinhas lá no Arouche. Numa dessas, eu tava parado lá e passa um carro. Tinha uns caras lá dentro que jogaram um saco cheio de mijo nas bichas que estavam lá na frente. Eu não esqueço que eles ficavam dizendo coisas do tipo 'viado transmissor de AIDS' ou 'vai morrer de AIDS, filho da puta'. Evitei mais de ir lá e sei que muita gente apanhou na rua nessa época.*¹⁴

*Era uma coisa impressionante, os olhares foram se tornando assustados, era gritante a diferença porque eram paqueras assim do tipo, você olhava pra uma cara, o cara te olhava, você andava dois metros, olhava pra trás, ele andava dois metros, aí você já ia conversar e era um atrás do outro, você marcava programas o tempo todo.*¹⁵

Uma vez me assustou muito, eu acho que eu relato isso nos 'Devassos', na Barão de Itapetininga, à tarde, não havia ainda essa confusão de marreteiros, vinha uma travesti passando, uma travesti bela e formosa mas durante o dia, numa roupa de verão de dia, era meio homem meio mulher e aí a rua inteira por onde

¹³ GUILHERME, Guilherme: depoimento. [9 fev. 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. [52 anos, maquilador].

¹⁴ FERRAZ, C. Carlos Ferraz: depoimento. [17 maio 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. [nome fictício, 49 anos, arquiteto].

¹⁵ TREVISAN, J. S. João Silvério Trevisan: depoimento [14 fev. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [escritor].

ele ia passando ia apupando e eu me lembro que um dos apupos mais comuns era: 'sai pra lá, transmissor de AIDS', 'sai pra lá vírus da AIDS'. E ela respondia galhardamente, eu me lembro que ela respondia: 'eu sou travesti mas não sou vagabunda que nem vocês', ela respondia , que era a gentarada ali da rua que vendia ouro, aquelas coisas.¹⁶

A violência policial era, agora, complementada pela ação de pessoas que viam os homossexuais como um perigo de contaminação de uma doença cada vez mais divulgada como uma espécie de “câncer gay”. Por esse motivo, alguns homens saíram à busca de alternativas de sociabilidade mais seguras, distantes da violência daquelas ruas. As novas casas noturnas, que foram surgindo em outros pontos da cidade, passaram a receber os homossexuais de classe média em condições de pagar para utilizar suas dependências. Além do mais, se os desconhecidos passaram a ser percebidos como possíveis vítimas da AIDS, era preciso transformar o outro em familiar; conhecê-lo antes de ir pra cama, buscar a monogamia tão recomendada naqueles anos de perigo.

A coisa foi indo assim, primeiro a gente foi vendo que as pessoas foram deixando de ir lá nos pontos. Claro que ia gente, mas os meus amigos foram cada vez mais indo pra outros locais. Era muito comum você ver as mesmas pessoas que estavam lá no Arouche dizendo que ali tinha muita gente com cara de aidético, que não dava pra confiar. Eu não gostava lá dos Jardins, continuei indo nos velhos lugares, mas menos do que antes. Foi uma época de muita solidão pra mim.¹⁷

As relações interpessoais cotidianas se tornaram mais conturbadas. Não eram apenas amigos que se separavam ou velhos espaços de sociabilidade que se modificavam. Ficou cada vez mais difícil assumir a homossexualidade publicamente já que, tanto a família quanto a sociedade em volta, eram todos os dias

¹⁶ Id.

¹⁷ CARLOS ALBERTO. Carlos Alberto: depoimento. [23 ago. 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. [nome fictício, 49 anos, arquiteto].

informados pela imprensa de que cresciam os casos de AIDS entre homossexuais:

*Eu já tinha assumido pra minha família e pros amigos mais próximos que eu era gay quando a AIDS chegou. Quando eu assumi, muita gente ficou chocada, mas foram pouco a pouco aceitando. Lá pelo meio de oitenta, a palavra que eu mais lembro de ter ouvido da minha família e dos meus amigos foi 'cuidado'. Ninguém dizia isso para quem não era gay, mas se você era, ficava todo mundo com medo de que você fosse a próxima vítima, entendeu?*¹⁸

Esse medo era alimentado pelos inúmeros casos de cantores, estilistas e atores homossexuais, vítimas fatais da AIDS, avidamente explorados pela mídia. Até o final dos anos oitenta, quando um teste positivo remetia, quase que inevitavelmente, a uma morte breve, o medo rondou tanto os homossexuais quanto seus parentes e amigos próximos.

A recorrente vinculação entre a AIDS e a homossexualidade levou algumas pessoas a enveredar numa incansável luta, oferecendo apoio e esclarecimentos principalmente para os homossexuais, sobre quem recaía o rótulo de vítimas preferenciais. Assim, em 1983, o grupo de militância homossexual Outra Coisa, em São Paulo, iniciou um dos primeiros trabalhos comunitários distribuindo folhetos com informações sobre a doença e as conhecidas formas de prevenção. Em 1985, a travesti Brenda Lee transformou a casa que utilizava para atendimento a seus clientes – o Palácio das Princesas – numa casa de apoio a gays e travestis infectados e desamparados.¹⁹ No mesmo ano foi fundada em São Paulo a primeira Organização não Governamental (ONG), totalmente dedicada à AIDS. Trata-se do Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA), que foi paulatinamente surgindo em outras cidades. Hoje existem 18 GAPAS no Brasil.

¹⁸ PAULO OTÁVIO. Paulo Otávio: depoimento. [4 jul. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. [nome fictício, 47 anos, funcionário público].

¹⁹ Brenda Lee dedicou sua vida a essa causa até sua morte em 1996, vítima de assassinato.

Em julho de 1989, ocorreu na cidade de Belo Horizonte, MG, o primeiro encontro nacional de ONGs/AIDS, visando discutir a situação da doença no país. No mesmo ano, realizou-se ainda um segundo encontro desse tipo, agora chamados de Encontro da Rede Brasileira de Solidariedade²⁰ e, no Rio de Janeiro, foi criado o primeiro grupo Pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS (Pela Vidada).

Em maio de 1992, a violação dos direitos humanos foi discutida envolvendo pessoas vivendo com AIDS. Nesse caso, a pequena Sheila Cortopasi de Oliveira, de apenas cinco anos de idade, teve sua matrícula recusada pelo Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo. Embora tenha sido o mote para que essa discussão fosse levada à frente, a pequena Sheila veio a falecer em fevereiro de 1993.

Em setembro de 1999, ocorreu uma manifestação nacional, organizada por entidades da sociedade civil, exigindo a liberação de recursos financeiros para a compra de medicamentos para o tratamento da AIDS, que estava comprometido pela desvalorização cambial. Uma outra manifestação foi organizada novamente por essas entidades no ano seguinte. Agora as exigências diziam respeito à compra de antiretrovirais para a rede pública de saúde.

A movimentação da sociedade civil, refletida na criação de organizações não governamentais de luta contra a AIDS, bem como as reivindicações políticas dos grupos e o crescente número de vítimas da doença, foram essenciais para que o Estado elaborasse políticas públicas de combate à AIDS e assistência aos doentes.

AVANÇOS TECNOLÓGICOS E MUDANÇAS SOCIAIS

Corria o ano de 1983 quando foi criado o primeiro programa de AIDS ligado à Secretaria de Saúde do Estado no

²⁰ Até o ano de 2001, esse encontro já estava na sua décima edição e, ao longo desses dez anos, realizou-se, respectivamente, nas seguintes cidades: Belo Horizonte (MG), Santos (SP), São Paulo (SP), Fortaleza (CE), Vitória (ES), Salvador (BA), São Paulo (SP), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Recife (PE).

Brasil. Dois anos depois, em 1985, a Portaria da Saúde n. 236, de 02/05/1985, estabeleceu as diretrizes para Programa de Controle da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, SIDA ou AIDS, sob a coordenação da Divisão Nacional de Dermatologia Sanitária. Em abril de 1986, é criada a Comissão de Assessoramento em AIDS²¹, que se transformaria na atual Comissão Nacional de AIDS-CNAIDS.²² A criação do Programa Nacional de AIDS, no âmbito do Ministério da Saúde, só se daria em 1988, mesmo ano em que o escritor e cartunista Henrique de Souza Filho, o Henfil, faleceu em decorrência da AIDS. Esse programa agia na elaboração de campanhas – a primeira delas foi a famosa Quem Vê Cara Não Vê AIDS, que foi elaborada para os festejos carnavalescos do ano seguinte. Mais alguns anos de luta transcorreram e, em 1993, quando o boletim epidemiológico reportava 16.829 casos de AIDS e 10.820 óbitos, foi assinado o primeiro Acordo de Empréstimo com o Banco Mundial para o Projeto de Controle da AIDS e DST, que ficaria conhecido como AIDS I.²³

A partir desse acordo, foi possível que se iniciasse a distribuição de medicamentos para pessoas com HIV/AIDS pelo sistema público de saúde. A lei que garantia essa distribuição – Lei n. 9.313 – foi assinada em 13 de novembro de 1996 e, nesse mesmo ano, foi efetivada a distribuição dos ARVs na rede pública, bem como o AZT, ddI, ddC, 3TC, SAQUINAVIR e RITONAVIR – componentes do coquetel.²⁴ Nesse momento, o número de casos notificados já era de 22.943 e 10.090 óbitos.

As ações estatais na luta contra a AIDS evidenciam ganhos significativos e, em 2000, com o investimento de 303 milhões de dólares em ARVs, 87.500 pessoas foram atendidas gratuitamente. O valor dos investimentos no tratamento das pessoas infectadas aumenta no ano seguinte, quando o governo estima investir 422

²¹ Essa comissão foi criada através da Portaria n. 199/GM, publicada no Diário Oficial da União, de 28 de abril de 1986, seção I.

²² GALVÃO, J. 1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: ABIA, 2002. (Coleção ABIA. Políticas públicas, 2). p. 9.

²³ Um segundo acordo de empréstimo com o Banco Mundial seria realizado em 1998 visando o Segundo Projeto de Controle da AIDS e DST, que ficaria conhecido como o projeto AIDS II, Cf. GALVÃO, 2002, p.13.

²⁴ A grande maioria dos medicamentos ainda eram importados de países do Hemisfério

milhões de dólares em ARVs, com a previsão de atendimento de 105.000 pessoas no ano de 2001. Nesse momento, o número estimado de pessoas vivendo com AIDS no Brasil é estimado em 597 mil.

No decorrer desse processo, o binômio AIDS/homossexualidade foi aos poucos se desvanecendo, ainda que persista em algum grau até os dias de hoje. Os motivos que conduziram à essa nova maneira de olhar para a AIDS têm a ver com os incansáveis esforços das ONGs e dos grupos de militância. Por outro lado, o número de mulheres infectadas foi gradativamente aumentando. Em 1983, dos 39 casos de AIDS conhecidos, duas vítimas eram mulheres. Esse número subiu no ano seguinte. Dos 140 casos notificados em 1984, sete vítimas eram mulheres. Isso era apenas o começo.

O aumento no número de casos e a aparição pública de mulheres soropositivas nos anos 1990 iniciava um processo de ampliação do imaginário social sobre a doença, que deixava de ser uma exclusividade de homossexuais, viciados e hemofílicos. Em 1993, a atriz Sandra Bréa, bastante conhecida do grande público por suas participações em diversos filmes e telenovelas, declarou publicamente ser portadora do vírus da AIDS. Embora os dados de infecção de mulheres pouco viessem a público, esse mesmo ano já registrava um número de 2.255 mulheres, aproximando-se cada vez mais dos números de casos entre homens, que era de 3.713.²⁵ Depois de onze anos de luta contra a doença, Sandra faleceu em maio de 2000 e sua morte mereceu a matéria de capa de uma importante revista de circulação nacional.²⁶ Nesse ano, o *Boletim Epidemiológico* registrou, além do óbito da atriz, o de mais 1.049 mulheres em virtude dessa síndrome.²⁷

Esse conjunto de dados ajudam a entender a AIDS do seu ponto de vista estrutural e histórico. Todavia, eles não conseguem demonstrar em sua plenitude como tal doença foi sendo ressignificada no cotidiano das pessoas. Para isso, é preciso que a AIDS seja abordada não apenas por seus números, mas pelo quadro cultural que ela constituiu.

²⁵ GALVÃO, 2002, p. 13

²⁶ Revista *ISTOÉ*. São Paulo, n. 1.597, 10 maio 2000.

²⁷ GALVÃO, 2002, p. 17

No decorrer da década de 1990, a idéia de “grupo de risco” foi sendo sistematicamente substituída pela de “comportamento de risco” e melhorias no atendimento e tratamento das vítimas amenizaram a idéia de sentença de morte que um exame positivo sugeria nos anos anteriores. Além do mais, foi tornando-se cada vez mais recorrente entre os homossexuais de São Paulo, e outras grandes cidades brasileiras, os casos de amigos, companheiros ou conhecidos que viviam com a doença, auxiliados pelos retrovirais disponibilizados pelos serviços públicos de saúde:

Ninguém queria pegar AIDS, é claro. Mas quase todos os meus amigos conheciam um amigo que tinha AIDS e que não era mais aquela figura acabada, com cara de defunto como era antigamente. Muita gente trabalhava, ia pros bares, a gente encontrava nas festas. Chegava um momento que a gente até esquecia que ela tava com AIDS, a gente só lembrava mesmo quando ouvia dizer que alguém morreu, ou que já estava muito mal.²⁸

Embora a AIDS ainda fosse motivo de medo e remetesse à idéia de morte, as diversas campanhas de combate ao preconceito e a confiança num tratamento que a igualaria a uma doença crônica faziam com que, tanto os soropositivos quanto as pessoas à sua volta, relativizassem a representação mórbida dessa síndrome. Mais pessoas conviviam de forma relativamente saudável com a AIDS, fornecendo novos significados para essa doença. Ainda que resistissem resíduos da ligação AIDS/homossexualidade, ou de que se tratava de uma sentença de morte, muita coisa havia mudado.

AS INVESTIDAS DO MERCADO

Além da AIDS, o mercado também parece ter sido um importante vetor de transformação dos significados sociais da

²⁸ ALMEIDA, M. Mário Almeida: depoimento. [22 nov. 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. [nome fictício, 39 anos, comerciante].

homossexualidade nas duas últimas décadas do século XX. Com o surgimento de novos espaços de sociabilidade, o público consumidor desses locais diversificou-se e um tipo de consumo específico foi especializando-se.

Em meados da década de oitenta, além dos bares, boates, saunas e cinemas pornográficos, procurados principalmente por homossexuais, algumas publicações apareceram timidamente, ainda pouco divulgadas e pouco consumidas. Eram praticamente revistas de sexo explícito ou de nu masculino, com um acabamento barato e quase sempre em preto e branco, o que facilitava a reprodução e distribuição. Embora de circulação restrita, essas publicações já traziam artigos sobre as especificidades dos envolvimento homoeróticos, indicações de filmes e livros em que o assunto era explorado, além de propagandas de algumas saunas e boates existente em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Em 1994, uma publicação mais aprimorada começou a circular, a revista *Sui Generis*. Publicada no Rio de Janeiro, mas que em pouco tempo de existência podia ser encontrada na maioria das capitais brasileiras, essa publicação apresentava um diferencial em relação a anteriores. Com edição bimestral, ela pretendia abordar a “cultura gay” em todas as suas dimensões, sem incorrer na pornografia. Logo, sucediam-se nas suas páginas artigos sobre moda, música, artes plásticas, cinema e teatro que abordavam um “estilo de vida gay”.²⁹

Em um seminário realizado no Rio de Janeiro, Nelson Feitosa, editor da *Sui Generis*, informou que sua revista pretendia mostrar, através dessas diversas matérias, a existência de uma “cultura gay” que não se resume às boates e aos “locais de pegação”. O objetivo da revista, segundo Feitosa, era fazer com que houvesse então uma maior aceitação desse “estilo de vida”.³⁰

Buscando desviar o que acreditava ser a “cultura gay” da “pegação”³¹ ou pornografia, a *Sui Generis* não abria espaço para

²⁹ Não pretendo, pelo menos nesse texto, remeter essa idéia ao conceito de estilo de vida elaborado por Pierre BOURDIEU, já que aqui, essa noção é apenas uma categoria nativa.

³⁰ FEITOSA, N. Políticas identitárias, cultura e mobilização social. In: SEMINÁRIO OLHARES ENTENDIDOS, 2000, Rio de Janeiro. Mesa 4.

³¹ A categoria “nativa” é utilizada para classificar determinados tipos de envolvimento sexuais entre homens, geralmente mais efêmeros e com

os ensaios de nu masculino. Ainda assim, não faltavam em suas páginas propagandas de saunas, bares e boates que funcionavam em São Paulo e Rio de Janeiro, além de roteiros que indicavam a localização desses espaços em várias outras cidades brasileiras.

Foi uma revista bastante consumida, principalmente pelos homossexuais de classe média e alta, aparecendo em muitas de minhas interlocuções com pessoas dessas classes. Mas algo faltava a *Sui Generis* e fez com que, após alguns anos, ela deixasse de ser editada. Talvez, esse elemento fosse exatamente aquilo que seu editor acreditava que não devia ter espaço em sua revista, o nu masculino.³²

Nesse sentido, o aparecimento da revista *G Magazine*, em 1996, definia um novo estilo para as publicações voltadas para o público homossexual. Aproveitando o espaço aberto pela *Sui Generis*, essa revista trazia a público tanto as matérias de jornalistas, escritores e psicanalistas sobre a homossexualidade, quanto atraía leitores, com artistas e esportistas conhecidos, nus, em suas páginas. Alguns nomes chegaram inclusive a gerar polêmica, atraindo ainda mais a atenção das pessoas para ela.

O aumento no número de consumidores foi modificando também a qualidade da publicação do ponto de vista editorial, que passou a ter mais páginas e um melhor acabamento, sendo mostrada até mesmo em programas televisivos de grande audiência (Hebe Camargo, Gugu Liberato, etc.). O crescente número de leitores atraía principalmente os anunciantes, que divulgavam nas páginas da *G Magazine* suas saunas, bares, boates e cinemas pornográficos, estes agora incluídos nos roteiros gays das grandes cidades. Uma vasta rede de informações dos espaços de sociabilidade voltados para os homossexuais se organizou nesse processo e, se não para deleitar-se com os corpos dos modelos, a revista era usada como fonte de informações e esclarecimentos sobre a “vida gay” das grandes cidades.

parceiros desconhecidos, comuns em banheiros públicos, praças e parques públicos, saunas e cinemas pornográficos.

³² Vale lembrar que, praticamente no final de sua trajetória, duas revistas ligadas ao mesmo editor começaram a ser publicadas. Trata-se da *Homens* e da *Sodoma*, nas quais as atrações principais eram o nu masculino e sexo explícito entre homens, respectivamente. Ambas permaneceram sendo publicadas mesmo depois que a *Sui Generis* extinguiu-se.

As páginas da *G Magazine* tornaram-se também palco para discussões políticas internas do movimento e divulgação de encontros de grupos específicos, como parece ser o caso dos “ursos” e dos jovens homossexuais que, atualmente, encontram-se nos *shoppings* da cidade, nos bairros Tatuapé, Santa Cruz e na Avenida Paulista.

Além da produção publicitária, o grande número de telenovelas, filmes e peças de teatro, que abordavam de alguma forma a temática homossexual, adentraram os circuitos comerciais, sendo vistas por um público nem sempre composto em sua totalidade por homossexuais. A questão das novelas merece uma investigação mais delicada, não apenas por adentrar os lares de uma população muito grande e deveras variada em vários sentidos, mas também porque a audiência acaba tendo um papel muito importante nos rumos que as tramas acabam tomando. Finais trágicos ou felizes para personagens homossexuais são um importante termômetro de como a sociedade está pensando a homossexualidade no Brasil. Além disso, o assunto vira alvo de conversas cotidianas e, dependendo da maneira como são tratadas as questões e construídas as personagens, de prós e contras entre as pessoas.

O recente advento de canais de televisão pagos também proporcionou o contato com o tema em outros lugares do mundo, como é o caso do seriado *Will & Grace*, exibido pela Sony, e da série inglesa *Queer as Folk*, exibida pelo Eurochannel.³³ A primeira se passa em Nova Iorque e tem como protagonistas Will, um homossexual assumido que divide um apartamento com Grace, uma amiga heterossexual. Seu melhor amigo é o histriônico Jack, que passa a maior parte do tempo falando de truques e paqueras com outros homens. Já a segunda, aborda o cotidiano de Nathan, Stuart e Vince, três homossexuais que vivem as experiências da vida gay em Manchester, no Reino Unido. Na série, não faltam as boates lotadas, mães cúmplices, adoções de crianças por um casal de lésbicas, uso desenfreado de drogas etc. Pelo menos entre as classes média e alta, o consumo destes programas interfere nas representações acerca das práticas homossexuais e

³³ Atualmente essa série ganhou uma versão norte-americana e é exibida no Brasil pelo Canal Cinemax, traduzido como *Os Assumidos*.

a rápida difusão da sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) pode ser apontada como uma dessas transformações.

O termo foi criado por André Fischer, que escreve a coluna de mesmo nome na revista semanal da *Folha de S.Paulo*, sendo também coordenador do *site* Mix Brasil.³⁴ Fischer também organiza o Festival Mix Brasil de Cinema – ou Festival da Diversidade Sexual, que acontece em algumas salas de cinema de São Paulo. Quando perguntei a André Fischer sobre quem poderia ser identificado como “simpatizante”, a resposta foi:

Pois é, a grande vantagem do tema é não ter um parâmetro para delimitar, justamente. No ‘simpatizante’ acho que entra, de cara, os bissexuais, que no Brasil esse termo não vingou... essas pessoas que transitam pelo seu desejo de maneira mais livre; gays e lésbicas que não se incomodam com o rótulo e heterossexuais, efetivamente heterossexuais, que freqüentam a noite gay, estão próximos desse universo, têm amigos e tal, e que não são heterossexuais caretas e estão aí consumindo mais ou menos os mesmos tipos de produto, como filmes de temática gay, que estão indo à peça, que estão abertos a ir ao cinema assistir filmes gay por exemplo. Então o ‘simpatizante’ estaria coberto por estes três grupos aí...³⁵

Quando afirmo que o *simpatizante* é uma personagem historicamente nova, não significa dizer que em outros momentos não tenham existido heterossexuais que transitavam livremente e sem preconceitos pelo “mundo gay”. Apenas não havia uma sigla – GLS – ou uma letra que os representasse “S”. Numa clara oposição à formação de um “gueto gay”, meu interlocutor aposta numa abertura em que pessoas com diferentes orientações sexuais estariam consumindo os mesmos produtos. A questão do mercado parece ser então um importante definidor dessa sigla. É o próprio André Fischer quem informa:

³⁴ É parte da Universo Online <www.mixbrasil.com.br>

³⁵ FISCHER, A. André Fischer: depoimento. [4 set. 2000]. Entrevista realizada por Ronaldo Trindade. São Paulo, 2000.

[...] a gente quando pensou originalmente ele foi criado como uma 'categoria de consumo', pra pessoas que têm um perfil, é... Por isso, assim que eu acho que tem toda a legitimidade a sigla GLBT, e acho que tem que ser usado de forma completamente distinta. GLBT são termos técnicos, que estão cobrindo aí gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros, enquanto que o GLS originalmente, é um critério que surgiu aqui dentro, e que eu vou tá usando aí de maneira como ele foi concebido; é para pessoas que têm um determinado padrão de consumo, que saem, compram, fazem, independente da orientação sexual, lembrando que a maioria dessas pessoas são homossexuais.³⁶

Nem todas as pessoas que apresentem comportamentos que possam ser enquadrados como "atitudes simpatizantes" aceitam ou reivindicam a sigla GLS. Todavia ela pode ser pensada como uma classificação ética, útil para identificar as pessoas que, independentemente de suas orientações sexuais, estão consumindo os mesmo produtos que os homossexuais, tal qual propõe o seu criador.

Além dos eventos já relatados, uma intrincada rede de serviços se constituiu com clientela principalmente entre os homossexuais³⁷. Empresas de turismo se especializaram em "pacotes turísticos gays", estabelecendo um intercâmbio entre Rio de Janeiro, Minas e São Paulo para eventos como carnaval,

³⁶ Ibid. (grifo nosso)

³⁷ Entre esses serviços, levantei os seguintes: Advogados, Arquitetos, Astrologia, Aulas de Dança, Cabeleireiros, Casa e Decoração, Cestas, Comida Congelada, Corretores de Imóveis, Corretores de Seguros, Dentistas, Designer Gráfico, Digitadores, Editoração Eletrônica, Eletricistas, Empreiteiros, Enfermeiros, Engenheiros, Eventos, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Fotografia, *Gogo boys*, Guia de Turismo, Jornalistas, Locação de Áudio e Som, Massagistas, Médicos, Mensagens Fonadas, Motoristas, *Personal Trainer*, Produtos Eróticos, Produtores de Eventos, Professores de Espanhol, Professores de Informática, Professores de Inglês, Professores de Italiano, Professores de Música, Psicólogos, Revisores de Textos, Serralheiros, Serviço de *Buffet*, Sonorização de Eventos e DJ, Técnicos em Informática, Vendedores e Veterinários.

reveillon, Parada Gay e Rainbow Fest. Feiras de variedades, como o Mercado Mundo Mix e Mambo Bazar³⁸ atendem quinzenalmente a um variado público, maciçamente composto por homossexuais, com vários *stands* em que são vendidos acessórios, roupas, sapatos e bijuterias consideradas modernas. São muito freqüentes também os espaços para se fazer tatuagens ou colocar *piercings*, marcas comuns entre os homossexuais e demais pessoas que freqüentam o circuito das casas “modernas” de São Paulo – A Loka, Rua Frei Caneca, Plastic Fantastic, Rua Morato Coelho, e as festas do Internet Café, na Rua Augusta.

A expansão do mercado que atendia às demandas de uma crescente população de homossexuais urbanos, notadamente os de classe média e alta, também criou segmentos “incapazes” de se inserirem nesse universo, por motivos diversos. Se estar de acordo com a moda e com o estilo de vida moderno que esse mercado oferece transformou-se numa prerrogativa para uma imagem pública positivada da homossexualidade, uma imagem virtual se tornou cada vez mais recorrente para classificar quem não era “branco”, “masculino” ou “elegante” o suficiente; trata-se das “quaquás”, uma categoria de acusação – já que “quaquá” é sempre o outro – geralmente utilizada para classificar os homossexuais que freqüentam os espaços de sociabilidade voltados para as camadas mais pobres, que não estavam de acordo com a moda ou com os comportamentos exigidos pelo mercado.

O crescimento vertiginoso do “mercado gay” nos anos 1990 propiciou a criação da Associação dos Empresários GLS, ou seja, uma união entre comerciantes e empresários que atendem ao consumo de gays, lésbicas e “simpatizantes”, visando não apenas proteger seus espaços de abusos institucionais como também manter a qualidade dos produtos que são oferecidos, seja ele um pacote turístico ou o acesso a uma sauna, boate ou cinema pornográfico.

Nesse contexto, um novo cenário se configurou para a homossexualidade nas grandes cidades. Na metrópole paulista, a ligação AIDS/homossexualidade desfazia-se muito em virtude da nova imagem pública que essa série de transformações

³⁸ O Mercado Mundo Mix funciona ainda em um grande galpão no bairro Barra Funda e o Mambo Bazar parou de funcionar em 2001.

possibilitou para a homossexualidade. Nesse novo cenário, mais uma mutação se operava: o sexo foi retomado com força total.

CORPOS, ESPAÇOS E PRAZERES: NOVOS RUMOS, NOVOS SIGNIFICADOS

No decorrer da década de 1990, a própria estrutura e atração das boates foi remodelando-se. Se nas década passadas o medo em relação a AIDS fez com que qualquer forma de incentivo ao sexo fosse avaliada de forma negativa devido ao forte discurso de negação da promiscuidade, quando essa doença deixa de ser pensada socialmente como sinônimo de morte imediata, o sexo adentra os bares e boates de uma forma bastante inovadora.

Importado das casas noturnas americanas, o *dark room* foi paulatinamente incorporado como parte da atração das casas noturnas voltadas para os homossexuais. Uma das primeiras boates de São Paulo a adotá-lo, entre os anos de 1995 e 1996, foi a Rave, então localizada na Rua Bela Cintra, bairro Jardins.

Lá na Rave era uma coisa de louco. Quando era mais ou menos três da manhã, todo mundo subia pro 'quartão'. Na verdade aquilo não era nem um 'quartão', era um mezanino que eles cobriam com cortinas e muita gente entrava lá. Rolava tudo. Tinha aquela coisa de ser novidade numa boate, essas coisas a gente só via em 'cinemão' e em algumas saunas. Mas o povo trepava mesmo, fazia de tudo lá dentro.³⁹

As observações desse interlocutor sobre a estrutura desse cômodo demonstram que, embora antenadas com as modalidades de erotismo dos países do Hemisfério Norte, não havia ainda um espaço adequado para o *dark room* no interior das boates. Como se tratava de uma incorporação recente, os locais foram adequando seus espaços para oferecer mais essa atração. Mais

³⁹ SANTOS, A. Augusto Santos: depoimento. [16 jul. 2001.]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [nome fictício, 34 anos, professor].

tarde, as casas noturnas que foram surgindo já tinham em mente espaços reservados para as salas escuras, batizados por grande parte de seus freqüentadores de “quartão”. Juntamente com a música, a oportunidade de fazer sexo no interior das boates passou a ser uma das ofertas mais atrativas, aparecendo com certo destaque nos *flyers*. Em alguns casos, o tipo de *dark room* oferecido (espaçosos, limpos, etc.) chegava a ser fator determinante na procura por um espaço.

Contudo, nem todas as boates aderiram de imediato a essa moda. Em alguns casos, eles sequer eram vistos com bons olhos:

*Tinha uns caras que não entravam de jeito nenhum e diziam que quem entrava lá era porque não conseguia ninguém na pista. Isso lá era verdade por que quem estava sobrando no final da noite sempre entrava lá e conseguia alguma coisa. Mas eu acho que era mais pra fazer pose que eles não iam.*⁴⁰

Uma boate mais cara e sofisticada, a Diesel/Base, localizada na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, inaugurou um enorme *dark room*, no subsolo. Parecia que os Quartões haviam finalmente caído na graça da maioria dos seus freqüentadores que, num certo horário, começavam a descer as escadas. Logo depois, surgiu a boate SoGo.

*Quando surgiu a SoGo, todo mundo só ia lá, era uma fila gigante na entrada e ela era bem cara. Muita gente dizia que ia por causa da música, da iluminação, dos ‘gogo boys’, mas na verdade, quando abria o terceiro andar, a pista esvaziava, e todo mundo corria pra lá. Era o maior de São Paulo, sem dúvida, tudo acontecia lá.*⁴¹

A SoGo, localizada na esquina da Rua Bela Cintra com a Alameda Franca, dimensionou a idéia de sexo no interior das

⁴⁰ Id.

⁴¹ SANTOS, G. Gustavo Santos: depoimento. [19 nov. 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2002. [nome fictício, 36 anos, advogado].

boates. A casa possuía três andares, sendo que bares e pistas de dança atendiam os clientes nos dois primeiros e, a partir de um certo horário, uma porta que levava ao terceiro andar se abria e apenas os homens que estivessem trajando roupas básicas (jeans e camiseta) poderiam subir. Caso contrário, teriam que deixar suas peças de roupa na portaria e subir apenas de cuecas. Caso não quisessem esperar pelo horário de abertura do terceiro andar, poderiam pagar um pouco mais e entrar por uma outra porta, na Bela Cintra, que já levava direto ao último pavimento.

Nesse mesmo período, meados dos anos 1990, os *gogo boys* começaram a se apresentar como atração das casas noturnas. Diferentemente dos “*strippers*” de outrora, eles muito raramente ficavam totalmente nus e sua função era dançar e chamar a atenção dos freqüentadores com seus corpos perfeitamente moldados. Embora ficassem praticamente nus em alguns momentos, a genitália ficava sempre oculta, atiçando o desejo e a curiosidade.

Tanto quanto esses dançarinos, grande parte dos freqüentadores dessas casas noturnas também haviam incorporado um modelo corporal pautado em músculos, poucos – ou nem um – pelos, cabelos muito curtos e roupas muito justas. Cada vez mais conhecidos entre os próprios homossexuais, como *barbies*, vários desses homens voltaram-se para as academias de musculação em busca de um corpo que acreditavam saudável, sensual e capaz de chamar mais atenção de outros homens. O resultado desses esforços eram exibidos nas boates, quando as camisas eram suprimidas e vários deles se juntavam em pequenos grupos, tomando as pistas de dança das boates mais caras da cidade.

A busca por esse modelo corporal não está desvinculado de um contexto mais amplo de “estilo de vida moderno”, no qual as academias de ginástica foram paulatinamente adquirindo um importante papel. Contudo, nas ruas e em revistas especializadas, muitas vezes esse modelo foi criticado como excludente daqueles que não queriam ou não conseguiam inserir-se nele.

Não eram apenas as boates mais caras que ofereciam essas atrações. As boates mais acessíveis, localizadas na região central da cidade, também ofereciam os shows de *gogo boys* e os Dark Rooms. Esse parece ser o caso da Blue Space (Barra Funda) e Salvation (Arouche).

Gogo Boys, Dark Rooms, corpos fortes e semi nus; tudo parecia apontar para uma intensa erotização das casas noturnas, que deixaram de ser apenas espaços para namoros, flertes ou diversão. Eram agora locais de extrema excitação e de interações sexuais. Nesse sentido, algumas casas abriram mão de investimentos mais altos e passaram a proporcionar apenas sexo, com toda a estrutura voltada para esse fim. Foi o caso da Station, localizada na Rua Pinheiros (Pinheiros) e do Clube Blackout, na Rua Amaral Gurgel.

Para quem não dispunha de dinheiro para freqüentar essas casas ou as caras boates onde o sexo era praticado intensamente, os cinemas pornográficos, conhecidos entre seus freqüentadores como Cinemões, eram uma alternativa interessante. Esses espaços passaram por uma diversificação e especialização, incluindo em seus interiores espaços de convivência — bares, lounges, *sex shoppings* — passando também a ser anunciados em periódicos diversos e a exibir filmes pornográficos gays, acompanhando a produção desse tipo no Brasil.⁴² Pelo menos dois deles — Cine Studio e Cine República — os dois na região central da cidade, funcionam 24 horas.

Ainda sobre essa nova explosão do sexo entre os homossexuais, é importante pensar sobre os impactos que o advento da Internet impôs à sociabilidade homossexual. Mesmo que esse veículo de comunicação seja um instrumento privilegiado para mobilizações políticas, acesso a discussões acadêmicas etc., as salas de bate-papo possibilitam o encontro de pessoas a qualquer horário e em qualquer lugar.

*Nossa, logo que descobri as salas de bate-papo, eu passava noites inteiras marcando encontros, trocando fotos, fazia de tudo. Acho que foi a época que transei com mais pessoas diferentes, às vezes mais de uma por dia. A gente bate um papo, troca a foto, vê se tem local, é tudo muito prático.*⁴³

⁴² Produtoras de filmes pornográficos voltados exclusivamente para homossexuais multiplicaram-se na década de 1990, com destaque para a Frenesi, Pau Brasil e Brazilian Boys, que utilizam apenas rapazes brasileiros em suas produções.

⁴³ SANTOS, A. Augusto Santos: depoimento. [16 jul. 2001]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2001. [nome fictício, 34 anos, professor].

Além das salas de *chats*, a Internet funciona também como espaço de divulgação de festas – através das *mail lists* – e demais espaços do roteiro gay de cada cidade, facilmente localizáveis nos *sites* de busca. Estilos de homossexualidade vividos em outros países são cada vez mais acessados e trazidos para o cotidiano das ruas, imiscuindo-se às práticas culturais já sedimentadas em terras brasileiras. Termos estrangeiros como Leather, Bears, SM etc., passaram a fazer parte do rol de classificações das novas práticas sexuais, constituindo inclusive grupos online que organizam encontros *offline*. Esse parece ter sido o caso dos “ursos”, um grupo composto por homens de corpos avantajados, geralmente peludos, que apreciam parceiros com corpos desse tipo. Em um *site* criado por um “urso”, colhi algumas informações elementares sobre a definição desse grupo – ou dessa categoria, como chamarei a partir de então:

Para resumir bastante uma questão longa e controversa, vamos dizer que ‘ursos’ são homens gays ou bissexuais que fogem um tanto dos estereótipos do mundo gay, e que valorizam seus ‘atributos masculinos’ e os dos outros homens. Como as manifestações físicas mais visíveis da masculinidade são a ‘barba’ e os ‘pêlos’ no corpo, tais atributos costumam ser muito cultuados pelos ursos, de um modo geral, e a palavra ‘depilação’, para um ‘urso’, é sinônimo de heresia... Há ‘ursos’ de todas as idades, desde adolescentes até senhores de mais de 70 anos.⁴⁴

Constituídos como um grupo específico entre os homossexuais brasileiros, os “ursos” possuem seus pontos de encontros na cidade e organizam festas específicas onde tal modalidade do desejo homoerótico pode ser experimentada. Um dos locais mais freqüentados por eles é o American Graffiti ou Bailão, como é mais popularmente conhecido. Localizado no centro da cidade, onde outrora funcionou a histórica boate Homo Sapiens, esse espaço fica completamente tomado nas noites de sábado, sendo também mais caro que os bares e boates que ficam

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.ursosdobrasil.net>>.

nas suas cercanias: para dançar no Bailão, é preciso deixar R\$15,00 (quinze reais) na bilheteria. Pelo menos setenta por cento de seu espaço é voltado para a dança, e a visão de homens acima do peso, com cultivados pêlos e barbas, trocando carícias, é bastante recorrente.

A imagem que seus corpos oferecem não apenas cria um diferencial com a do homossexual delicado, como também constrói um problema para a vida social e sexual dessas pessoas. Da mesma forma que a sociedade costuma classificar de homossexuais os homens de atitudes mais delicadas e por vezes femininas e no mundo gay essas pessoas são diretamente ligadas à “passividade”, ser corpulento e peludo não significa, pelo menos para eles, uma “atividade” recorrente. Essa definição hermética dos papéis de gênero, há muito sedimentada na sociedade brasileira, acaba sendo um problema na vida desses homens:

...quando uma bicha olha pra mim, me vê assim todo grandão, a primeira coisa que ela pensa é que eu vou ser um machão, que vou comer ela de todo o jeito. Às vezes eu embarco e realizo a fantasia dela. Mas às vezes eu quero realizar minhas fantasias, e a minha fantasia também é a de ser passivo de vez em quando.⁴⁵

Palavras parecidas foram emitidas pelo comerciante Antonio Carlos, que afirma que prefere namorar pessoas que possuam um corpo parecido com o seu:

[...] se o cara também é ‘urso’, ele não vai se assustar se eu fizer alguma frescura, se eu fechar. Ele sabe que ‘ursos’ também fazem isso. O problema quando estou em um bar gay é quando eu faço alguma frescura e todo mundo fica assustado, tipo: nossa, olha que maricona esquisita.⁴⁶

⁴⁵ CARLOS ALBERTO. Carlos Alberto: depoimento. [13 maio 2002]. Entrevistador: Reinaldo Trindade. São Paulo, 2002. [nome fictício, 36 anos, natural de Campinas, SP].

⁴⁶ ANTÔNIO CARLOS. Antônio Carlos: depoimento. [23 maio 2002]. Entrevistado: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2002. [nome fictício].

Ser um “urso” pode também ser uma alternativa interessante quando não se consegue ou não se deseja ter o corpo idealizado pelo mundo gay. Quando perguntei a um de meus interlocutores se ele freqüentava algumas saunas ou boates, ele me respondeu que:

...não gosto de ir nesses lugares. Sei que tem outros caras, que têm o corpo igual ao meu, que vão. Mas lá, todo mundo está atrás de algo que eu não sou. Ou querem um corpinho magrinho, todo no lugar, ou querem um cara sarado. Não sou nem uma coisa e nem outra e me sinto mau se não me olham por causa disso. Eu tenho o meu público e esse público não está nesses locais.⁴⁷

Negando-se a transformar seus corpos através de regimes, dietas ou da dedicação de uma parte de seus dias a academias de musculação, essas pessoas encontram entre seus iguais maneiras viáveis de viver sua homossexualidade. Seus corpos, concordem ou não com essa classificação, os inserem dentro de um grupo.

A prática recorrente do sexo, dentro ou fora de casa, estava respaldada pelas diversas casas que o ofereciam como atração. O discurso da promiscuidade foi ganhando novos significados, agora mais ligado ao uso ou não de preservativos e menos aos diversos parceiros que alguém pode vir a ter. Mas mesmo o uso de preservativos já se transformava em assunto de discordâncias.

De fato, também se deve ao poder de comunicação propiciado pela rede, a divulgação e incorporação de uma prática, já difundida em outros países, que aqui passou a gerar preocupações e se transformou numa polêmica interna do grupo. Trata-se da prática do *barebacking*, traduzido da expressão inglesa “montando sem cela”. Mais especificamente, esses homens se propõem a praticar sexo sem preservativos, em sintonia com um movimento internacional .

⁴⁷ PEDRO ROBERTO. Pedro Roberto: depoimento. [19 maio 2002]. Entrevistador: Ronaldo Trindade. São Paulo, 2002. [nome fictício, 39 anos, professor da rede pública estadual de São Paulo].

Não se pode afirmar que essa prática é historicamente nova, afinal de contas, muitos já faziam isso mesmo antes do aparecimento da AIDS, quando se recomendava o uso de preservativos para evitar doenças sexualmente transmissíveis. Todavia, agora, num momento em que abolir o preservativo significa incorrer em riscos de contaminação de uma doença por enquanto sem cura, essa prática adquire novos sentidos, que só podem ser entendidos dentro de um quadro ideológico peculiar

Com uma chamada que iniciava com polêmica, a matéria do provedor iG anunciava o artigo: *Barebacking*: onda de só fazer sexo sem camisinha chega ao Brasil.⁴⁸

O movimento ainda não é organizado, e a prática ocorre de maneira restrita em reuniões isoladas, saunas, festas de orgia e boates específicas. Mas é cada vez maior o grupo de homossexuais que num movimento suicida se expõe voluntariamente a relacionamentos de alto risco e se recusa a adotar a melhor estratégia até hoje inventada para prevenir a contaminação pelo HIV: o sexo seguro mediante o uso de preservativos. A prática se chama 'barebacking' e, segundo adeptos, chega agora ao Brasil, depois de conquistar milhares de gays nos Estados Unidos e na Europa. A expressão 'bareback' pode ser traduzida como 'cavalgada sem sela' e se caracteriza pela prática intencional de sexo anal sem proteção, com parceiros escolhidos aleatoriamente, para unir o prazer sexual à adrenalina do perigo. Estimativas dão conta que existem sete milhões de praticantes de 'barebacking' nos Estados Unidos e 2 milhões na Europa. Um estudo feito no ano passado pelo Centers for Disease Control and Prevention dos

⁴⁸ ALVARENGA, Darlan. *Barebacking*: onda de só fazer sexo sem camisinha chega ao Brasil. iG, S.l.; S.d. Último Segundo. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/home/caderno1/artigo/0,2945,916693,00.html>>. Esse artigo recebeu várias críticas provenientes de outros sites e grupos de prevenção em DST/AIDS como o Grupo Pela Vida, que encaminhou para várias listas uma carta de repúdio à matéria divulgada pelo iG.

Estados Unidos, no entanto, sugere que este número pode estar subestimado. De acordo com pesquisa, 14% dos cerca de 500 homossexuais entrevistados haviam praticado esse tipo de sexo nos últimos 24 meses.⁴⁹

Embora a matéria referida classifique a prática como suicida — até porque, do contrário, o veículo em que ela foi divulgada poderia vir a receber severas críticas por parte dos leitores que apostam na prática do sexo com preservativos — o crescente número de pessoas que aderiram a ela em outros países começa a sugerir preocupações aos centros de tratamento e campanhas de prevenção de HIV/ AIDS.

A resposta dos líderes do movimento, apesar disso, atribuem outros significados à prática do *barebacking*. Ricardo Rocha Agueiras, que concedeu a entrevista ao *site*, afirma:

Quero deixar claro que não defendo deixar de usar camisinha. O que defendo é que as pessoas possam escolher se querem ou não usar camisinha. Quem acha que tem de transar com camisinha, que use. Dou até as minhas, que ganho às dezenas nas saunas e nas boates, como se as pessoas que freqüentam esses lugares não já fossem suficientemente informadas e não tivessem grana para comprar a sua na farmácia. Mas penso que temos de ter o direito de escolher os riscos que a gente quer correr para sermos felizes. Uns escolhem corrida de automóvel, em que o carro pode voar, se espatifar diante da multidão, esmagar 50, além de matar o piloto. Por que práticas arriscadas como automobilismo e alpinismo são aceitas e tudo que envolve sexo é tão massacrado? Como acompanho a AIDS muito de perto, acho que a doença virou uma doença crônica e não mais fatal. Os coquetéis estão fazendo efeito sim, apesar da paranóia médica que existe em cima. As pessoas estão confiando no tratamento e acham que podem relaxar. Mas é uma verdade: elas podem relaxar mais.

⁴⁹ Id.

Segundo ponto, é muito mais gostoso sexo sem camisinha. As pessoas falam 'não pode', só que quando você as encosta na parede, nunca conheci uma que me dissesse 'não'. A realidade é que as pessoas fazem sexo sem camisinha e não se trata de um fenômeno puramente gay.⁵⁰

A confiança nos avanços científicos no tratamento da AIDS, o repúdio às formas de disciplinarização da sexualidade homoerótica e à vinculação da prática do sexo inseguro à homossexualidade parecem ser os principais argumentos de Agueiras nas críticas feitas ao movimento *barebacking*, além dos prazeres que essa prática proporcionaria para seus praticantes.

Colocar o sexo sem camisinha como um fenômeno puramente gay é mais uma forma cruel de preconceito. Por que nós gays temos de carregar mais esse rótulo? Na grande maioria dos filmes pornôis heterossexuais o sexo é praticado sem camisinha. Por que a coisa tem de pesar sempre para o nosso lado, como se nós fôssemos responsáveis pela conscientização da sociedade. Os gays não são responsáveis por nada. As pessoas, homossexuais ou heterossexuais fazem sexo sem camisinha, não adianta tapar o sol com a peneira. [...] Não me considero um suicida. Sou apenas um cara que defende o direito à escolha e dentro das escolhas pode existir o direito ao suicídio. Eu defendo o direito à liberdade, o direito de as pessoas decidirem como elas querem viver ou morrer, que tem muito mais a ver com os filósofos existencialistas franceses que defendiam o suicídio. [...] Sexo sem camisinha é muito mais gostoso. A relação mucosa com mucosa é diferente, a questão da entrega é muito maior. Poder gozar dentro da pessoa proporciona outro tipo de prazer. Para as pessoas da minha geração foi muito difícil se adaptar à camisinha. Somos resultado da revolução sexual de 60 e queríamos provar tudo.

⁵⁰ Id.

Quanto mais você trepava, mais você era valorizado no meio homossexual. De repente, veio a AIDS como uma bomba e a gente teve de aprender a usá-la de tanto que a coisa foi massificada. Mas para mim sempre foi muito difícil. Ela rasgava, eu sentia um extremo desconforto, broxava.⁵¹

Na realidade, um contexto muito específico propiciou o surgimento e a incorporação do *barebacking* por alguns homossexuais de São Paulo. O repúdio a toda uma história de culpabilização dos homossexuais pela AIDS, os avanços médicos que hoje já conseguiram, inclusive, descobrir as substâncias existentes nas células de alguns portadores em que o vírus não consegue penetrar, bem como as lutas por liberdades e direitos em relação à homossexualidade que vêm se desenvolvendo, vêm nos preservativos os representantes da disciplinarização da sexualidade. O próprio discurso de Ricardo Agueiras está impregnado do clima de liberação sexual que diz ter vivido desde os anos 1960.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Apenas duas décadas separam o final dos anos 1970 das modernas casas de sexo que surgiram no final dos anos 1990. Mas, nesse intervalo de tempo historicamente curto, um mar de mudanças pode ser observado. Os usos das ruas, as classificações, os tipos corporais, os espaços, as formas de militância e as modalidades de erotismo parecem ser cada vez mais distintas daquelas do período de suposta formação de uma “identidade homossexual”, quando os primeiros grupos de ativismo foram fundados.

Passados os anos em que a AIDS foi, inevitavelmente, aliada à homossexualidade e à morte, uma idéia que parece ter sido cada vez mais aliada à imagem pública da homossexualidade em nossos dias é a da “modernidade”. Através do mercado e do acesso às novas tecnologias, a imagem que aparece para fora desse

⁵¹ Id.

segmento é a de pessoas antenadas com a moda, com a vida noturna e com a quebra de velhos tabus, positivando a idéia de um certo tipo de homossexualidade. Contudo, outras representações também foram se formando, dentre elas a do ser político, ainda que pautada por outras formas de militância.

Os telejornais informam para um grande público as movimentações políticas desse segmento, seja através da Parada Gay de São Paulo – que em apenas seis anos de existência alcançou um crescimento de público vertiginoso – seja através das batalhas legislativas em prol das parcerias civis entre pessoas do mesmo sexo, encabeçadas por figuras de destaque da política nacional.

Diferentemente da imagem de exclusão social a que estavam circunscritos no final da década de 1970, ou de indivíduos afeminados em busca de “homens verdadeiros”, tornou-se quase impossível determinar exatamente uma forma única e estanque de homossexualidade. A pluralidade passou a ser sua mais evidente característica. Isso não quer dizer que já haja uma total aceitação social de todos os tipos de envolvimentos homoeróticos. A violência e exclusão daqueles que não se enquadram nas formas “aceitáveis” ainda é uma realidade presente. Mas, voltando à frase de John D’Emilio, alguma coisa irreversível aconteceu nos anos 1990, resta agora entender os significados mais profundos dessas transformações.

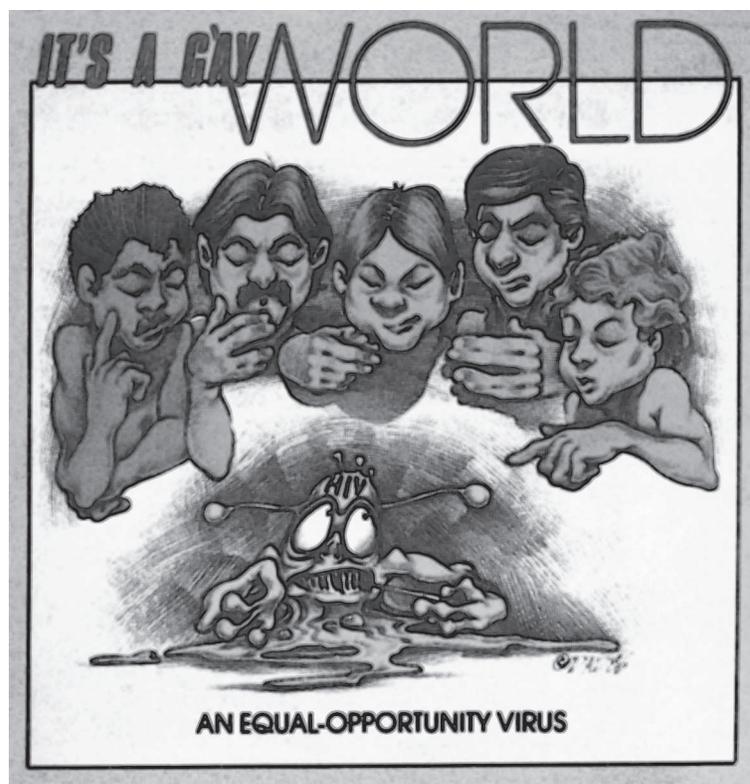
THE SOCIAL SIGNIFICANCE OF MALE HOMOSEXUALITY IN THE ERA OF AIDS

ABSTRACT

The emergence of a politicized movement of gay men and lesbians in Brazil during the late 1970s created the notion of expanded freedom for diverse sexual activities. Initially the appearance of AIDS provoked a violent reaction and significant discrimination about gay men. However, by the 1990s collective responses to the disease and changes in national and international cultural codes reconfigured patterns of gay male sociability. A diversity of sexual identities and the expansion of urban territories occupied by gay men created a new visibility and new images of male homosexuals as transmitters of modernity, style, fashion, and culture. A variety of self-presentations offered multiple possibilities to express diverse sexual identities.

KEYWORDS

Gay men; Homosexuality; AIDS; Sexual identity



Desenho de D.A.D, para a coluna It's a gay world. Revista The Advocate: the nacional gay news magazine, Los Angeles, set. 1986, p. 18.